



DIASPORADOS: UMA REPORTAGEM EM QUADRINHOS SOBRE REFUGIADOS E IMIGRANTES

NORBERTO LIBERATOR NETO

Relatório apresentado como requisito para aprovação na disciplina Projeto Experimental II e conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcos Paulo da Silva



SUMÁRIO

Resumo	3
Introdução	4
1 Atividades desenvolvidas	10
1.1 Execução	10
1.2 Dificuldades encontradas	13
1.3 Objetivos alcançados	14
2 Suportes teóricos adotados	15
3 Considerações finais	23
Referências	26
Apêndices	32



RESUMO: O projeto experimental presente é um livro-reportagem sobre os fluxos migratórios de estrangeiros para o estado de Mato Grosso do Sul, feito por meio da narrativa dos quadrinhos. Ele é dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro deles a introdução e, os três seguintes, as histórias de interlocutores entrevistados para o trabalho: um haitiano, um venezuelano e um sírio. Por meio das experiências contadas pelos refugiados e imigrantes estrangeiros, busca-se relatar realidades envolvidas em um contexto de grande interesse; demonstrar como cada realidade particular ajuda a explicar o todo, ao partir das vivências individuais dos entrevistados para a contextualização geral dentro do tema da migração e da situação sociopolítica de seus respectivos países. A linguagem dos quadrinhos foi escolhida por seu potencial de expressão e de aproximação do leitor para com os personagens envolvidos na reportagem, além de explorar a representação visual e sua inevitável capacidade simplificadora.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Quadrinhos; Refugiados; Migração; Livro-Reportagem.



INTRODUÇÃO

O produto é um livro-reportagem realizado a partir da linguagem dos quadrinhos, que reúne relatos de imigrantes e refugiados estrangeiros residentes em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. A linguagem dos quadrinhos é o alicerce no qual se desenvolve o trabalho, com representações gráficas das fontes entrevistadas e das histórias relatadas.

A reportagem traz quatro capítulos: a introdução, que consiste de dados coletados por pesquisa bibliográfica sobre migração; e os três seguintes, compostos por representações das experiências de estrangeiros, por meio de entrevistas sobre os motivos que os levaram a se deslocar de seus respectivos países, bem como as dificuldades enfrentadas durante a migração e a vida na nova cidade.

A pesquisa foca-se no êxodo das populações citadas e no fluxo migratório recente em relação ao Brasil, colhendo relatos de pessoas inseridas em tal contexto. Por meio das experiências contadas pelos refugiados e imigrantes estrangeiros, busca-se trabalhar o tema da alteridade entre tais populações e demonstrar que não há homogeneidade entre elas.

O termo “Diasporados”, que dá nome ao trabalho, não existe na língua portuguesa. É um neologismo criado a partir da palavra “diáspora”, derivada do grego *διασπορά*, cujo significado literal é “dispersão”, e na conotação atual costuma ser definida como deslocamento de um povo para fora de sua terra natal. No título, diz respeito aos entrevistados, que se inserem nos contextos de diásporas contemporâneas, ao considerarmos que há migrações em massa de haitianos, sírios e venezuelanos.

Ao longo da obra, foi trabalhado o relato humanizado, com a narração do repórter como observador participante, a partir de um caráter impressionista proposto por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), inserido nas histórias contadas pelos interlocutores, buscando evitar o sensacionalismo e os clichês.

Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a



ação, mas também participa dos fatos. O repórter é aquele "que está presente", servindo de ponte (e, portanto, diminuindo a distância) entre o leitor e o acontecimento. Mesmo não sendo feita em primeira pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproximação. Ao lado disso, os fatos – e as referências a que estão ligados – serão relatados com precisão, garantindo, mais ainda, a verossimilhança. (SODRÉ e FERRARI; 1986)

A linguagem dos quadrinhos foi escolhida por ser uma forma de retratar os fatos narrados pelos interlocutores por meio da representação gráfica, ou seja, a partir de ilustrações que buscam reproduzir o que é contado pelas fontes. A linguagem imagética produz maior proximidade para com o leitor, bem como facilita a compreensão do contexto narrado, ao apresentar simulações das cenas contadas. Outro motivo é que o jornalismo em quadrinhos, conhecido como JHQ (sigla utilizada a partir das iniciais “J” de “jornalismo” e “HQ” de “história em quadrinhos”) ou JQ (abreviação de “jornalismo em quadrinhos”) é uma vertente em expansão e que possui grande volume de obras, mas que não são amplamente conhecidas pelo público em geral.

O gênero, cujo nome (jornalismo em quadrinhos) foi cunhado pelo repórter-quadrinista maltês Joe Sacco em sua obra “Palestina: uma nação ocupada” (1994) tem poucos representantes no Brasil e, na última década, tem sido utilizada por veículos de comunicação como a *Agência Pública*, que produziu as reportagens “Meninas em Jogo”, de 2014, realizada por Andrea Dip e ilustrada pelo jornalista e quadrinista Alexandre De Maio, e “O Haiti é aqui”, de 2016, por Adriano Kitani e Enio Lourenço; *Catraca Livre*, que de 2011 a 2014 fez várias matérias em formato de quadrinhos, também ilustradas por Alexandre De Maio; *Fórum*, onde o mesmo quadrinista trabalhou na arte das reportagens “Genocídio nas periferias de São Paulo” e “Sistema carcerário no Brasil: solução ou tiro no pé?”; e *Cult*, que em 2017 publicou entrevista com a fotógrafa estadunidense Nan Goldin em forma de quadrinhos desenhados por Helô D’Angelo.

Na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o livro-reportagem “Não é elogio – Assédio de rua em Campo Grande”, trabalho de conclusão de curso de Fernanda Palheta, Juliana Barros e Juliane Garcez orientadas por José Márcio Licerre, incluiu a linguagem das HQs em ilustrações de Garcez, embora não seja caracterizado como reportagem em quadrinhos por não se utilizar de tal linguagem na maior parte da



obra. O projeto experimental narra situações de assédio sofridas por mulheres da capital sul-mato-grossense, e traz diversas ilustrações e pequenas histórias em quadrinhos que retratam os casos relatados.

O desenho sempre teve espaço no jornalismo convencional, para ilustrar matérias, produzir infográficos ou por meio da charge, do cartum e da tira. No entanto, as reportagens realizadas a partir da arte sequencial – definição de jornalismo em quadrinhos – datam dos anos 1990, com o surgimento de obras como as de Joe Sacco e Art Spiegelman. Em “*Maus*” (1991) e “*Palestina*” (1994), a HQ não aparece como recurso complementar, mas como a base de todo o trabalho, a linguagem por meio da qual ele é realizado.

Costuma-se considerar as tiras de “O Menino Amarelo”, publicadas a partir de 1896 por Richard Felton Outcault na revista *Hogan’s Alley*, como marco inicial dos quadrinhos. No entanto, a obra “As Aventuras de Nhô Quim”, publicada pelo ítalo-brasileiro Angelo Agostini na revista *Vida Fluminense* em 1869, já trazia um modelo de arte sequencial 27 anos antes, sendo considerado por muitos o precursor das histórias em quadrinhos. O pesquisador Iuri Lima Gomes (2008) afirma que a obra de Agostini já trazia elementos que podem caracterizá-la como HQ.

O pioneirismo de Agostini acentua-se se lembrarmos que a linguagem dos quadrinhos, tal como tornou-se reconhecida até hoje, veio a se consolidar entre fins do século XIX e início do século XX. Em Nhô Quim podemos citar, por exemplo, a ordenação seqüenciada dos desenhos, já seguindo o padrão ocidental de leitura das histórias em quadrinhos; a quadrinização – a inserção em quadros fechados – de alguns desenhos; e o uso do texto como uma espécie de guia para a leitura. (GOMES, 2008, p.2)

De acordo com Janaina Paula do Espírito Santo (2011), o artista japonês Katsuhika Hokusai já trabalhava narrativas por meio de imagens anteriormente a Outcault e a Agostini.

Nesta modalidade apareceu um artista que chegaria mais próximo às características das HQs modernas. Katsuhika Hokusai é o primeiro, entre 1814 a 1849, a desenhar imagens em sucessão, em uma coletânea de 15 séries publicadas como Hokusai Manga;



É dele também a autoria da expressão usada para se referir as histórias em quadrinhos: mangá. (SANTO, 2011, p. 6)

Os *mangás* são, em geral, as HQs produzidas no Japão ou que seguem o estilo estético tradicional japonês, geralmente em preto e branco, e com traços que distorcem a anatomia humana, como olhos grandes e órgãos do rosto aumentados em momentos de maior emoção, além de balões e onomatopeias diferentes das formas convencionais do ocidente. De acordo com Alfons Moliné (2006), o termo é uma junção das palavras *man*, que significa “involuntário”, e *ga*, “desenho”.

A linguagem da arte sequencial remonta à pré-história, por meio das pinturas rupestres, e passa pela Antiguidade. De acordo com Will Eisner (1985), na Idade Antiga as “tapeçarias, frisos ou hieróglifos registravam eventos ou procuravam reforçar mitologias; elas falavam a um grande público”.

Rafael Soares Duarte (2013) também aponta a presença de narrativas a partir de imagens, de modo a contar histórias, em obras arquitetônicas, artísticas ou hieroglíficas.

A história em quadrinhos abarca narrativas pré-imprensa como: as pinturas rupestres da caverna de Lascaux; a Tapeçaria de Bayeux, um bordado com 70,34 metros de comprimento, representando em 58 cenas a conquista da Inglaterra pelos normandos, concluída no ano 1066; a coluna de Trajano, em Roma no fórum de Trajano sobre o túmulo do imperador para comemorar a vitória dos romanos sobre os Dácios; o códice Nuttall do México pré colombiano; as sequencias de vitrais (em alguns casos mesmo as catedrais bizantinas), os quadros trípticos, etc. (DUARTE, 2013, p. 31)

Grandes veículos jornalísticos utilizaram-se da linguagem dos quadrinhos como parte de sua própria identidade. No Brasil, os exemplos mais conhecidos são a *Piauí* e as extintas *O Pasquim*, *Pif-Paf*, *O Cruzeiro* e *O Malho*. Em nível mundial destacam-se as publicações francesas *Charlie Hebdo* e *La Revue Désinée*, as espanholas *Catorze* e *El Jueves*.

O tema do projeto experimental faz-se pertinente na área do jornalismo por ser um fenômeno recente e importante nas esferas econômica, política e cultural do Brasil. Em Mato Grosso do Sul, especificamente, a abordagem do assunto é necessária por ser um dos quatro estados designados pelo governo federal para receber imigrantes



venezuelanos em 2018, ao lado de São Paulo, Paraná e Amazonas. De acordo com o relatório anual do Observatório de Migrações Internacionais (Obmigra) publicado em 2018, o número de estrangeiros no estado teve crescimento superior a 20% no período entre 2014 e 2018.

As motivações que levaram à escolha do tema foram a constatação da função social do auxílio aos imigrantes e refugiados, bem como o contato com fontes que se deslocaram de seus países para viver na capital sul-mato-grossense, além das informações a respeito do fenômeno migratório que tem sido pertinente na primeira metade do século XXI.

Soma-se a isso a então possível e, ao fim do trabalho, já ocorrida vitória eleitoral do ultradireitista Jair Messias Bolsonaro, contrário à flexibilização das leis migratórias e favorável a políticas de repressão à migração de pessoas vindas do Oriente Médio, África e parte da América Latina. Em entrevista ao jornal goiano *Opção*, em setembro de 2015, o então deputado federal afirmou que haitianos, sírios, iranianos e senegaleses são “a escória do mundo”. Em novembro de 2018, já como presidente eleito, Bolsonaro afirmou que pretende criar campos de refugiados para concentrar os imigrantes venezuelanos.

Diante de tais fatores, é de extrema importância que haja pesquisas a respeito do tema. O projeto experimental deverá contribuir na compreensão do contexto que envolve os fluxos migratórios. A plataforma dos quadrinhos, ao trazer representações dos fatos por meio de imagens, busca aproximar o leitor da história narrada de modo que seja possível, a quem lê, estabelecer uma noção de como o que é relatado ocorreu.

A arte sequencial permite ao jornalismo apresentar nuances que não seriam possíveis por meio da reportagem meramente escrita: a representação das cenas descritas pelas fontes, bem como formas de reproduzir emoções e diferentes situações (tensão, calma etc.) por meio de linguagem imagética. A ilustração traz consigo o olhar do ilustrador, podendo, de tal forma, registrar os sentimentos dos entrevistados, que são percebidos ao longo da entrevista.

O objeto da análise são as vidas das pessoas que migraram do exterior para Campo Grande, desde os motivos que os levaram a sair até suas situações atuais no



trabalho, vida social, estudos, relação com familiares, ligação com a cidade e a comunidade e, na questão da alteridade, relatar a forma como cada imigrante interage e vê aqueles que vieram do mesmo país, bem como a maneira como tratam e são tratados pela população local.

As escolhas das nacionalidades foram estratégicas e devem-se ao fato de que sírios, haitianos e venezuelanos são grupos em voga nos últimos anos devido a problemáticas locais, respectivamente guerra civil, catástrofe ambiental e crise econômica. Os imigrantes originários desses três países são beneficiários do visto humanitário concedido pelo governo brasileiro a estrangeiros que, mesmo sem status de refugiados, carecem de acolhida por parte do Estado – levando em conta que, pelas normas estabelecidas pelas Nações Unidas na Convenção de Genebra (1951), artigo 1º, é considerado refugiado aquele que se encontra fora de seu país natal por temer perseguição baseada em “raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas”. Para refletir o fenômeno recente, busquei interlocutores que migraram ao Brasil há menos de cinco anos.



1. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

1.1 Execução

A primeira etapa do processo foi a realização das entrevistas com os imigrantes. Para isso, foram escolhidos três, de nacionalidades diferentes. O primeiro entrevistado foi o haitiano Banel Pierre; a segunda entrevista foi com o venezuelano Ezequiel Alemán; a terceira, com o sírio Wasim Aldaly. Já conhecia Banel e o convidei espontaneamente; Ezequiel foi indicado por Guadalupe Vieira, que trabalha na ONG Fraternidade Sem Fronteiras, entidade que acolhe imigrantes em situação de vulnerabilidade social; Wasim foi escolhido porque eu já havia ido a seu restaurante. Todas foram realizadas de modo presencial e gravadas em meu celular com autorização dos entrevistados.

Em seguida a cada entrevista, foram realizadas suas respectivas transcrições. Após as transcrições, foram feitos, a partir delas, os roteiros, que são a junção dos pontos considerados mais importantes nas entrevistas, com impressões pessoais e dados sobre os assuntos abordados. Em seguida, as páginas foram ilustradas, com um procedimento padrão: esboço; desenho a lápis; digitalização via *scanner*; arte-final por meio de *software* apropriado e mesa digitalizadora; balonização (inserção da narrativa escrita e falas das personagens). As duas primeiras páginas de introdução foram feitas, antes da digitalização, por meio do desenho a lápis e contorno em caneta de tinta nanquim, mas posteriormente notei que o acabamento em caneta era desnecessário.

Foi estabelecido um ritmo de produção no qual procurei desenhar em média três folhas A4 diariamente e finalizar, todos os dias, uma delas. O processo não foi homogêneo, ou seja, em alguns dias desenhei mais do que três e finalizei mais do que uma; em outros, produzi menos do que a meta diária, mas o importante não era cumpri-la com rigor e sim ter um direcionamento que visasse o fim do trabalho dentro do tempo que havia para realizá-lo.

Os *softwares* utilizados para concluir as páginas foram o *Adobe PhotoShop* e o *MediBang Pro*, ambos úteis para a produção de ilustrações e com funções parecidas,



com a diferença de que o segundo traz algumas especificidades para a criação de histórias em quadrinhos.

A diagramação foi feita no *Adobe InDesign* no formato livreto, ou seja, as imagens desenhadas em modelos A4 foram compactadas para a metade desse tamanho, um procedimento comum que facilita o desenho dos menores detalhes.

Os balões e caixas de texto obedeceram a padrões escolhidos por mim e pelo professor Marcos Paulo, após chegarmos à conclusão de que deveria haver diferenciação entre minhas falas e a dos entrevistados, já que nas cenas em que não há representação direta do diálogo, poderia haver confusão a respeito de quem fala. Houve várias tentativas de estabelecer essa diferença, como colocar minhas falas em caixa alta e as dos entrevistados em caixa baixa; posteriormente, pensei em balões retangulares para as falas do autor e arredondados para os interlocutores. Após tentativas com resultados que não agradaram, por fim chegamos ao padrão final, de letras brancas com fundo preto para as falas do repórter e letras pretas com fundo branco para os entrevistados.

Optei por transcrever as falas dentro das normas da língua portuguesa. A decisão foi pensada junto ao orientador e tomada para evitar o estigma. Banel, que tem como idioma original o francês, fala algumas palavras não oxítonas como se o fossem; Ezequiel, hispanófono, tem dificuldade em pronunciar palavras com til na letra “A”, tendendo a falar com o som aberto; Wasim, cuja língua natal é o árabe, confunde os gêneros masculino e feminino nos adjetivos e substantivos. Em “*Maus*”, Spiegelman transcreve as falas de seu pai com os vícios do sotaque. No entanto, o fato de possuir laço familiar direto com o personagem afasta a possibilidade de o autor estigmatizar o interlocutor. Após conversarmos sobre o tema, chegamos à conclusão de que escrever as falas dos três com as respectivas características poderia tornar os relatos risíveis, dar aos personagens uma conotação caricata e abrir espaço para chacotas. Em alguns momentos, algumas expressões típicas foram mantidas por entendermos que não descaracterizam o idioma português, como “*papá*” e “o que passa”.

A colorização em escala de cinza foi uma escolha pessoal; acredito que desta forma há maior atenção no desenho e na história. A maioria dos autores de HQ que leio (muitos deles, citados ao longo deste relatório) produzem suas obras em preto e



branco. O contraste obtido transmite sensações de seriedade, sobriedade e dramatização que não são possíveis, ou ao menos é minimizada, quando se faz trabalhos coloridos. Ainda assim, a opção de incluir os tons cinzentos gerou bastante trabalho, já que os sombreamentos exigiram contornar os desenhos em várias camadas. A decisão gráfica em relação às cores permitiu a utilização do contraste entre luz e sombra como forma de transmitir sentimentos, como, por exemplo, o uso do fundo preto em situações de tensão.

Decidi me retratar como personagem da história devido ao fato de que o jornalista, quando realiza sua reportagem, não é oculto no processo e influencia, de forma direta ou indireta, as escolhas do que será relatado pelo interlocutor.

Apesar da impressão que alguns tentam passar, o jornalista não é uma mosquinha na parede, invisível e muda. Em campo, na apuração, a presença do jornalista quase sempre é relevante. Os jovens rebeldes erguem e brandem as armas quando a equipe de televisão começa a filmar, ou começam a se policiar quando o repórter faz perguntas contundentes. Ao admitir que estou presente na cena, minha intenção é sinalizar ao leitor que o jornalismo é um processo no qual defeitos e marcas de costura ficam aparentes, como se realizado por um ser humano — e não ciência executada friamente por um robô atrás do acrílico. (SACCO, 2016, p. 5)



1.2 Dificuldades Encontradas

Houve algumas dificuldades na elaboração dos roteiros de perguntas a serem feitas às fontes, de modo que visasse fuga dos clichês e questões estratégicas que permitissem bom aproveitamento da narrativa gráfica. A entrevista com o sírio Wasim, particularmente, esbarrou no problema do idioma. O comerciante não fala português fluente, embora domine a língua com razoabilidade.

A princípio, seriam quatro entrevistas, já que seria realizada uma com o senegalês Hassane Salane Sene, que trabalha como vendedor ambulante no Terminal de Ônibus Bandeirantes. No entanto, ele precisou adiar a data que havíamos confirmado e, depois, constatei que não seria possível entrevistá-lo a tempo de transcrever a conversa, elaborar o roteiro e desenhar mais um capítulo, já que a execução do produto se encontrava em andamento. Assim, combinei com o professor Marcos que cancelaria a entrevista com Hassane, o que foi feito posteriormente. Todavia, a não realização permitiu maior dedicação no acabamento do livro.

No referencial teórico, houve algumas dificuldades em encontrar trabalhos acadêmicos sobre JHQ. No entanto, todos os percalços aqui listados foram contornados e não impediram o bom funcionamento do processo de criação. Foi possível encontrar referências a respeito da plataforma, bem como também foi possível obter informações relevantes do interlocutor citado.

Na execução do trabalho, as principais dificuldades foram na criação dos personagens, de modo a ilustrar fisionomias que se assemelhem às dos entrevistados ou retratar pessoas por eles citadas, das quais não sei a aparência; nos desenhos de perspectiva, para criar cenas com ideia de profundidade e sem cometer erros que confundam a interpretação de quem lê; nas representações de edifícios e obras arquitetônicas, que exigiram maior dedicação ao estudo geométrico.

O objetivo era que, dentre os entrevistados, houvesse ao menos uma do gênero feminino. No entanto, não foi possível contatar uma mulher, o que reflete os dados do Observatório de Migrações Internacionais (Obmigra), publicado em 2018, de que entre 2011 e 2017 houve 274.083 autorizações de trabalho concedidas a homens e 36.129 para mulheres, uma diferença de 237,95 mil. Quando fui ao Restaurante Síria, minha



intenção era entrevistar não apenas Wasim, mas também sua esposa Ruba. Ela não estava presente e, segundo o comerciante, Ruba não fala português.

1.3 Objetivos Alcançados

O produto foi concluído conforme previsto e a pesquisa teórica a respeito do tema da migração foi realizada, bem como a pesquisa sobre o jornalismo em quadrinhos. Foi finalizado, desta forma, o livro com 56 páginas, mais capa e contracapa, com toda a narrativa feita a partir da linguagem do JHQ e dividido em quatro capítulos, sendo eles o de introdução e três de entrevista: “Do Caribe ao Cerrado”, com o haitiano Banel Pierre; “*Venezuela, ¿Donde Estás?*”, com o venezuelano Ezequiel Alemán; e “Depois da Primavera”, com o sírio Wasim Aldaly.

2. SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS

Os referenciais para o produto final são obras realizadas por outros ilustradores-jornalistas, por meio de livros-reportagem. As obras “Palestina: uma nação ocupada” (1994), “Palestina: na Faixa de Gaza” (2003), “Uma história de Sarajevo” (2003) e “Reportagens” (2016), de Joe Sacco; “*Maus*” (1991), de Art Spiegelman; “O Fotógrafo”, de Lemerrier, Lefevre e Guibert (2003-2006); e “*Persépolis*” (2000-2003), de Marjane Satrapi, foram leituras que despertaram a motivação para formular um projeto que trabalhasse a interface entre jornalismo e arte sequencial.

O maltês Joe Sacco foi o primeiro a utilizar o termo “jornalismo em quadrinhos” e é autor de diversos livros-reportagem e matérias para revistas, jornais e portais utilizando-se do gênero. A primeira delas foi “Palestina: Uma Nação Ocupada” (1994), onde ele relata a rotina de palestinos que vivem sob a ocupação israelense.

Figura 1: Excerto de "Palestina".



Fonte: Joe Sacco, 1994.

Embora não seja considerado JHQ, o livro “*Maus*” (1991), do sueco Art Spiegelman, é um dos precursores desse tipo de narrativa, ao relatar a história de seu pai como prisioneiro do campo de concentração Auschwitz-Bikernau por meio de entrevista com o mesmo. Vencedora do “Pulitzer” em 1992, a obra utiliza de animais antropomórficos para representar as pessoas.

Figura 2: Excerto de “*Maus*”.



Fonte: Arthur Spiegelman, 1991.

Já “*Persépolis*” (2000-2003), da iraniana Marjane Satrapi, é um relato autobiográfico, desenhado em traços simples, sobre a Revolução Islâmica de 1979, a Guerra Irã-Iraque e os fluxos migratórios causados pelos conflitos que atingiram o país entre o fim dos anos 1970 e meados dos anos 1990.

O trio francês Emmanuel Guibert, Frédéric Lemerrier e Didier Lefèvre criou a série “*O Fotógrafo*” em três volumes entre os anos de 2003 e 2006, em que apresentam uma reportagem sobre o Afeganistão, a partir de uma narrativa híbrida entre quadrinhos e fotografia.

Ainda, a autora canadense Kate Evans produziu o livro “*Refugiados: A Última Fronteira*” em 2017, no qual relata o cotidiano de imigrantes que vivem na chamada “*Selva*”, um campo na cidade francesa de Calais. Na obra, ela denuncia a situação de



descaso social em que se encontram os estrangeiros.

Sobre a análise teórica a respeito do JHQ, Iuri Barbosa Gomes (2010) aborda a linguagem como experimentação emergente no jornalismo, a partir das obras “Palestina: uma nação ocupada”, de Joe Sacco, e “O Fotógrafo”, de Lemercier, Guibert e Lefèvre; e da perspectiva dos estudos culturais.

De acordo com Gomes (2010), o imediatismo da notícia factual contraria uma das características fundamentais do jornalismo em quadrinhos: “o trabalho em, literalmente, desenhar-se os mínimos detalhes, em se pensar na disposição das imagens e das fotos e buscar por fontes *in loco* assim como um etnógrafo”.

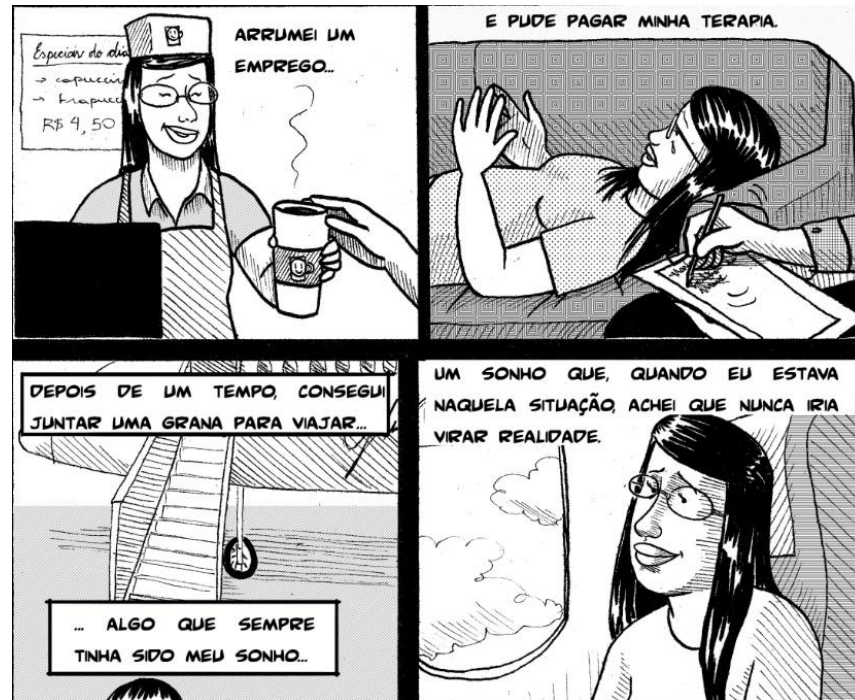
Vinícius Pedreira (2017) aborda a representação da identidade palestina em diversas obras de Joe Sacco. O autor afirma que a linguagem dos quadrinhos encontra resistência em ser vista como “séria”, o que dificulta a ação do jornalista que pretende utilizar dela como recurso comunicativo. Pedreira aponta que essa barreira não é exclusiva do JHQ, sendo que o termo *graphic novel*, cunhado pelo quadrinista estadunidense Will Eisner, passou a ser utilizado pelo artista para conseguir maior credibilidade em sua própria obra, a fim de diferenciar suas narrativas densas e complexas das *comics* (como as HQs são chamadas em países anglófonos) tradicionais, voltadas, à época, ao público infantil.

Na tentativa de mudar cada vez mais a opinião pública acerca dos quadrinhos, Will Eisner utiliza a expressão *graphic novel*, de forma a buscar dar respeitabilidade ao meio ao trazer histórias de cunho social e assuntos “sérios”, com sua obra “Um contrato com Deus e outras histórias de cortiço”, em 1978. (PEDREIRA, 2017, p.6)

A “falta de seriedade” também começa a ser menos relacionada comumente aos quadrinhos a partir da proliferação do JHQ na internet, em sites como *Cartoon Movement* e *The Nib*, que reúnem trabalhos de diversos países, além de obras de repórteres-ilustradores como Erik Thurman (que produziu para veículos como *The Huffington Post*, *Reed Magazine* e *Localiz Hong Kong*), Germán Andino (*El País*, *Vice*, *The New York Times* etc.), Robson Vilalba (*Gazeta do Povo*, *Le Monde Diplomatique*, *Folha de S. Paulo*) e Dan Archer (*The Guardian*, *Al Jazeera*, *The Huffington Post*, entre outros).

Em relação a trabalhos acadêmicos que utilizam como suporte o jornalismo em quadrinhos, foi utilizada como referência para o processo a reportagem “Quatro Marias”, trabalho de conclusão de curso (TCC) de Heloísa D’Angelo e Joyce Gomes no curso de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, em 2016.

Figura 3: Excerto de "Quatro Marias".



Fonte: Heloísa D’Angelo e Joyce Gomes, 2016.

As autoras, orientadas pela professora Bianca Santana, construíram sua narrativa a partir dos relatos de quatro mulheres que já realizaram abortos, cada uma delas em uma condição e contexto diferentes. A junção de personagens entrevistadas que contam suas histórias individualmente em diferentes capítulos influenciou a forma de execução do presente trabalho, dividido de forma semelhante.

Destaca-se também, como trabalho que serviu como influência para a ideia de projeto experimental em quadrinhos, o livro-reportagem “Estilhaço: uma jornada pelo Vale do Jequitinhonha” (2015), trabalho de conclusão do curso de jornalismo de Carolina Ito Messias (*Salsicha em Conserva, Caros Amigos, Trip*), na Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), campus de Bauru, com orientação de Marcelo

Magalhães Bulhões. A acadêmica percorreu a região do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, para registrar a entrega de doações de organizações não governamentais a habitantes desse local. A reportagem aborda as histórias de tais pessoas e a alteridade da própria autora em relação a elas.

Figura 4: Excerto de "Estilhaço - Uma Jornada pelo Vale do Jequitinhonha".



Fonte: Carolina Ito, 2015.

Outro livro-reportagem em HQ produzido como trabalho acadêmico foi “Pânico no José Walter – O maníaco que seviciava mulheres”, TCC de Talles Rodrigues na Universidade Federal do Ceará, orientado por Ricardo de Lucena Lucas, posteriormente publicado pela Editora Draco com o nome “Cortabundas”, no qual reúne relatos sobre um criminoso que, na década de 1980, violentava mulheres no bairro Prefeito José Walter, em Fortaleza.

A reportagem “Meninas em Jogo”, realizada por Andrea Dip e Alexandre De Maio em 2014 e publicada no portal da *Agência Pública*, também foi utilizada como inspiração para realização do trabalho. A matéria, que também utiliza da linguagem dos quadrinhos, denuncia o turismo sexual durante o período de Copa do Mundo.

Sobre o tema escolhido, o processo de globalização, para Canclini (2007), é um conjunto de estratégias para atingir a hegemonia de grupamentos industriais, corporações financeiras, com a finalidade de apoderar-se dos recursos naturais e



culturais, de mão de obra, do lazer e do dinheiro dos países subalternos à exploração com que esses agentes reordenaram o mundo na segunda metade do século XX. O autor também aponta que a dificuldade, nesse caso, encontra-se no fato de que o próprio processo de globalização se efetua por meio de ações homogeneizantes e segmentadas, onde as distinções e as desigualdades são reorganizadas, mas não abolidas.

O imaginário de um futuro econômico próspero eventualmente suscitado pelos processos de globalização e integração regional é muito frágil se não se leva em conta a unidade ou diversidade de línguas, comportamentos e bens culturais que dão sentido à continuidade das relações sociais. Contudo, os processos de integração mais avançados na atualidade se realizam entre países que não contam com essas coincidências culturais (CANCLINI, 2007, p. 24).

Para Canclini (2007), mais do que por uma diferença quantitativa, as mobilidades populacionais se discernem por outras características. As migrações do século XIX e início do século XX eram, na maior parte dos casos, definitivas e desconectavam aqueles que partiam dos que ficavam, ao passo que os deslocamentos atuais combinam mudanças definitivas, temporárias, de turismo e viagens breves de trabalho.

Diferentemente das migrações definitivas ligadas a políticas de povoação, como as que no passado aconteceram na Argentina, na Austrália, no Canadá e nos Estados Unidos, entre outros países, nos últimos anos, mesmo nessas nações, os vistos de residência são provisórios e discriminam segundo a nacionalidade e as necessidades do país receptor (CANCLINI, 2007, p. 72).

Para o autor, no momento em que a globalização promove o diálogo entre europeus, norte-americanos e latino-americanos, manifesta-se a limitada afinidade entre suas atitudes de lidar com a diferença.

Nesse contexto, Bauman (2007) aponta que um dos efeitos mais obscuros da globalização é a eliminação das regras sobre as guerras. Os cidadãos de um Estado se percebem em um espaço sem lei. A parcela que decide e consegue fugir do campo de batalha se encontra em outro tipo de anarquia, a da fronteira global. O autor assevera:

Centenas de milhares de pessoas, às vezes milhões, são escorraçadas



de seus lares, assassinadas ou forçadas a buscar a sobrevivência fora das fronteiras de seu país. Talvez a única indústria florescente nas terras dos retardatários (conhecidas pelo apelido, tortuoso e frequentemente enganoso, de "países em desenvolvimento") seja a produção em massa de refugiados (BAUMAN, 2007, p. 39).

Segundo Bauman (2007), os migrantes, refugiados e desabrigados são indesejados em qualquer lugar que estiverem não sendo aceitos e/ou inseridos naquela sociedade, nos modelos sociais pré-estabelecidos, aguardando a solicitação da mão de obra que, quando chega, é tão temporária quanto a sua permissão para trabalhar.

Os refugiados são a própria encarnação do 'lixo humano', sem função útil a desempenhar na terra em que chegam onde permanecerão temporariamente, e sem a intenção ou esperança realista de serem assimilados e incluídos no novo corpo social (BAUMAN, 2007, p. 47).

Neste sentido, Hall (1997), no momento em que investiga a identidade de migrantes individual e socialmente, aponta que "torna-se necessário verificar como se inserem no 'circuito da cultura', e como sua identidade e respectivas diferenças relacionam-se com as representações de sua nova realidade". Por conseguinte, o autor apresenta três possíveis consequências da globalização:

A globalização caminha em paralelo com um reforçamento das identidades locais, embora isso ainda esteja dentro da lógica da compressão espaço-tempo. b) A globalização é um processo desigual e tem sua própria "geometria de poder". c) A globalização retém alguns aspectos da dominação global ocidental, mas as identidades culturais estão, em toda parte, o global, o local e o retorno da etnia sendo relativizadas pelo impacto da compressão espaço-tempo (HALL, 1997, p. 80-81).

De acordo com Hall (1997, p. 87), as identidades sofrem um efeito pluralizante na globalização, gerando uma multiplicidade de possibilidades e novos arranjos de identificação, volvendo as identidades mais posicionais, mais políticas e distintas. Contudo, seu efeito total permanece contraditório.

Retornando para Bauman, que em "Tempos Líquidos e Globalização: as consequências humanas" apontou o medo como condição característica da sociedade líquido-moderna e globalizada, o fluxo de mobilidade de pessoas buscando por



condições de vida mais dignas é um elemento atormentador para a sociedade moderna. O autor pondera que o rejeite e a mobilização de quantias crescentes da população no mundo é um dos contornos trágicos da globalização.

Conforme Norbert Elias (2006), as sociedades em que a formação do Estado-nação ocorreu em período recente na história criam imagens do passado, cujo as novas gerações possam se identificar, cerca de grupos centrais dominantes. A concretização da nação brasileira, tão-somente cem anos após a independência, seguiu tal lógica ao definir elementos que caracterizariam a “identidade nacional”.

Ainda segundo o autor, a formação das nações acontece quando as diferentes camadas e populações locais interdependem-se reciprocamente. Com base nisso, é possível asseverar que as relações que entrelaçavam os vários grupos étnicos e regionalismos foram a base para a concepção de tal “identidade” no Brasil, com o enaltecimento do “mulato” e da miscigenação entre o português, o índio e o negro africano.

As sociedades se fazem nações quando a interdependência funcional entre suas regiões e estratos sociais, bem como entre seus níveis hierárquicos de autoridade e subordinação, torna-se suficientemente grande e recíproca para que nenhum desses grupos possa desconsiderar completamente o que os outros pensam, sentem ou desejam (ELIAS, 2006, p. 163)

Na obra “A Identidade Cultural na Pós-modernidade” (2003), Stuart Hall afirma que o conceito de identidade nacional ultrapassa as diferenças em termos de classe, gênero, raça; uma cultura nacional busca unifica-los numa identidade cultural, ou seja, numa grande família nacional. O que se chama convencionalmente de cultura nacional, de acordo com Hall, é uma estrutura de poder cultural. A maioria provém de culturas unificadas em processos de conquista violenta. O conceito de cultura é construído no tempo e espaço, e de difícil definição como algo original. Nações ocidentais modernas foram centros de impérios com hegemonia cultural sobre colonizados.

As nações modernas são todas híbridas e, como consequências da globalização, podem ser apontadas as identidades nacionais em desintegração, enquanto as identidades globais são reforçadas. As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades-híbridas tomam seu lugar. Segundo o autor, é difícil impedi que



identidades nacionais se tornem enfraquecidas pela “infiltração cultural”. Para Hall, juntamente com o impacto do global, surge interesse pelo local. De acordo com o autor, a globalização caminha em paralelo com um reforçamento das identidades locais.

No Brasil, o período do Estado Novo, de forte cunho nacionalista, instituiu políticas que pretendiam classificar o que seria a “identidade brasileira”, com incentivo a elementos escolhidos pela gestão varguista como componente do que seria a “cultura nacional”, como o samba, o futebol, o carnaval e a religião católica. Naquele contexto, o governo foi compelido a lidar com a fase final da grande crise migratória principiada em meados do século XIX (SEYFERTH, 2014).

Logo, o recurso encontrado pela gestão varguista foi instituir, com base em uma política ufanista, as normas da Doutrina de Segurança Nacional. Consolidada e estabelecida durante a ditadura civil-militar de 1964-85, tal ideologia foi ordenada pelo então general Pedro Aurélio de Góis Monteiro, ministro da Guerra do governo Getúlio Vargas (COELHO, 2000).

No decorrer da ditadura varguista, o Estado brasileiro valeu-se de critérios político-sociais e praticou, sutilmente, políticas sustentadas no racismo e no anticomunismo (SEYFERTH, 2014), com a categorização de parte dos imigrantes como “indesejáveis”. À época, fomentou-se a migração de povos europeus latinos, especialmente italianos, espanhóis e portugueses. Ainda conforme Seyferth (2014), povos constituintes de outras matrizes étnicas e membros de outras religiões, como alemães e japoneses (“alienígenas”), passaram por procedimentos de “abrasileiramento forçado”.

Hoje, de forma parecida, o preconceito e o desconhecimento das questões que envolvem a migração, principalmente dos haitianos, geram discursos rasos que os colocam como pessoas fracas, passivas ou perigosas que vieram “roubar empregos”.

Estudos de Khan (1996) e Feller (2001) apontam para a perda do significado político dos refugiados. Ideologicamente, também houve um acirramento das antipatias aos refugiados, culminando no modelo de representação atribuído a estes imigrantes como uma ameaça em potencial no circuito doméstico. Ainda segundo esses autores, as comunidades locais acirraram as atitudes discriminatórias e xenófobas, dificultando o processo de integração. Concomitantemente, os países desenvolvidos fechavam suas fronteiras, tendência que se mantém contemporaneamente, redirecionando os fluxos para o sentido Sul →



Sul. (BARBOSA, 2010, p. 35)

Neste contexto, o Brasil é um destino recorrente de migrações e pedidos de refúgio. Em Mato Grosso do Sul, a Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho (Sedhast) instituiu o Comitê Estadual para Refugiados, Imigrantes e Apátridas (Cerma) no ano de 2016. De acordo com a nota oficial de formação do Comitê, que se baseou em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o estado é o oitavo com maior população estrangeira no país.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando criança, quadrinista foi a primeira profissão que sonhei seguir, por influência das HQs de Maurício de Sousa, Disney e Ziraldo, além dos super-heróis e do *bangue-bangue*. Conforme o tempo passou, a ideia foi abandonada aos poucos. Durante o período em que cursei artes visuais, graduação que não completei, entrei em contato com as *underground comix* dos Estados Unidos, de autores como Robert Crumb, Gilbert Shelton e Spain Rodríguez.

Posteriormente, também conheci a obra de autores brasileiros influenciados pela mesma leva que fazia quadrinhos alternativos na América do Norte, e as escolas europeia e argentina, com características mais autorais e menos ligadas a cadeias de produção. Foi quando percebi que não era necessário o suporte industrial de uma grande editora para se produzir arte sequencial.

Já cursando jornalismo, a cultura dos *fanzines* – publicações independentes ligadas à cultura *underground* – com a qual me envolvi era um *hobbie*. Aos poucos, aprofundi a rotina de desenhar pequenas histórias, prática que tive durante a infância e foi gradualmente deixada de lado com o passar dos anos, embora nunca tenha parado de desenhar compulsivamente. De certa forma é irônico que, ao deixar o curso de artes visuais e entrar em jornalismo, tenha aumentado minha produtividade artística e não diminuído, como talvez pudesse parecer o mais natural.

Quando conheci o trabalho de Joe Sacco, logo pensei em fazer algo parecido. Só me faltava a coragem para encarar um trabalho inteiro de dezenas de páginas desenhadas. Levei ao professor Marcos Paulo da Silva a ideia de fazer um projeto experimental que dialogasse com a linguagem dos quadrinhos, mas ainda não pensava em um livro inteiro em forma de HQ. O tema, eu ainda não tinha escolhido, embora já tivesse opções e a imigração fosse uma delas.

Meu primeiro contato direto com o assunto foi em 2017, no “Encontro com a diversidade nos fortalece e enriquece”, evento da Pastoral do Migrante, entidade que acolhe estrangeiros em situação de vulnerabilidade. O contexto era uma matéria para trabalho acadêmico, na qual entrevistei – junto aos colegas Henrique Drobnievski e



Matheus Lima – imigrantes e pesquisadores. À época, minha companheira Aline Antonini começava a esboçar seu projeto de mestrado junto à comunidade haitiana.

Assim que sugeri o tema e a plataforma ao professor Marcos, e a ideia foi bem recebida, tratei de já me cercar de material sobre imigração e de produções jornalísticas em quadrinhos. Quando o segundo semestre letivo de 2018 começou, tinha meu relatório de pré-banca quase pronto. A estratégia estabelecida por mim e pelo orientador foi a de preparar o aporte teórico para poder me dedicar à execução do produto sem grandes percalços.

Quando o relatório foi entregue, havia dois meses para o prazo do trabalho final e faltavam mais de 40 páginas a serem feitas, mas o ritmo estabelecido foi mantido. Foi possível alcançar o objetivo de concluir o livro-reportagem sem grandes problemas e dentro do tempo necessário.

O envolvimento com o tema dos refugiados despertou maior sensibilidade, além de encantamento com outras culturas. Não quis me prender ao clichê da superação ou da exploração de tragédias. As três fontes, de modo geral, não são pessoas que sofreram diretamente grandes horrores, mas de seus relatos foi possível, ainda assim, extrair muitas informações sobre o contexto em que estavam envolvidas, além de sair do lugar-comum e notar que tragédias como guerras, catástrofes naturais e crises econômicas interferem em muito mais cenários do que se pode imaginar. A cidade do país em guerra civil que permanece pacificada é atingida por racionamento, desemprego, roubos e fome; o cidadão que tem emprego em um país onde a taxa de desempregados é absurda não consegue pagar as contas; o jovem que não foi atingido por um terremoto tem sua vida mudada devido a ele.

Assim como optei por não transcrever os sotaques contendo as falas consideradas erradas pelo padrão da língua portuguesa, também evitei desenhar detalhes da vida pessoal das fontes que eu considerasse muito trágicos. Por exemplo, quando Wasim narra a morte de seu irmão, preferi desenhar o próprio entrevistado contando o fato, e não representar o fato em si.

O processo foi um aprendizado gigantesco e um dos maiores desafios que já enfrentei. Tive de encarar nuances do desenho que sempre costumei evitar, como algumas situações de perspectiva, ilustrar cenários de cidades, retratar edifícios e obras



arquitetônicas. Minha preferência pessoal sempre foi por rostos e anatomia, mas aprendi, “na marra”, a ter domínio sobre os outros tipos de representação citados, e a gostar de retratá-los. Depois de todo o trabalho feito, ainda resta o objetivo de retorná-lo aos entrevistados e disponibilizá-lo ao público para que não fique restrito.



REFERÊNCIAS

Agência das Nações Unidas para Refugiados – Acnur. **Dados sobre refúgio no Brasil**. 2018. Disponível em: < <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em 12/11/2018.

ANTÔNIO, Leonardo Cavalcanti; MACEDO, Marília de; OLIVEIRA, Tadeu de (organizadores). **Relatório Anual 2018 – Migrações e mercado de trabalho no Brasil**. Disponível em: <<http://obmigra.mte.gov.br/index.php/relatorio-anual>>. Acesso em 25/11/2018.

BARBOSA, Joelma Carmo de Melo; Resende, Maria Alice Rezende de (orientadora). **Reassentamentos Urbanos de Imigrados Palestinos no Brasil: um estudo de caso do “campo” de Brasília**. Rio de Janeiro, 2010. 142 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BORGES, Juliana Barros Correa; GARCEZ, Juliane Carolina; PALHETA, Fernanda Letícia Silvino. **Não é elogio: assédio de rua em Campo Grande**. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2015.

CANCLINI, Néstor. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2007.

CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CARLOS, Carlos; DE MAIO, Alexandre. Genocídio nas periferias de São Paulo. **Revista Fórum**, 2012. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/digital/113/jornalismo-em-quadrinhos-genocidio-nas-periferias-de-sao-paulo/>>. Acesso em 25/11/2018.



CARLOS, Carlos; DE MAIO, Alexandre. Sistema carcerário no Brasil: solução ou tiro no pé?. **Revista Fórum**, 2012. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/digital/114/sistema-carcerario-no-brasil-solucao-ou-tiro-no-pe/>. Acesso em 25/11/2018.

COELHO, Edmundo Campos. **Em busca de identidade. O Exército e a política na sociedade brasileira**. RJ: Record, 2000.

CORRÊA, Douglas. Bolsonaro cogita criação de campo de refugiados para venezuelanos. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro, 24 de nov. de 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-11/bolsonaro-cogita-criacao-de-campo-de-refugiados-para-venezuelanos>. Acesso em 26/11/2018.

DE MAIO, Alexandre; DIP, Andrea. Meninas em Jogo. **Agência Pública**, 2014. Disponível em: <https://apublica.org/2014/05/hq-meninas-em-jogo/>. Acesso em 30/09/2018.

D'ANGELO, Heloísa. Eu não amo fotos, amo as pessoas nas fotos, diz Nan Goldin em SP. **Revista Cult**, 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/nan-goldin-em-sp-reportagem-em-quadrinhos/>. Acesso em 25/11/2018.

D'ANGELO, Heloísa; GOMES, Joyce. **Quatro Marias**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharel em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo) – Faculdade Cásper Líbero. Disponível em: <http://quatromarias.com>. Acesso em 20/09/2018.

DUARTE, Rafael Soares. **A página infinita: leitura de algumas possibilidades narrativas nas Webcomics**. In: Literaturas entre o digital e o análogo. Organização: Deise T. de Freitas e Rafael Soares Duarte. Teresina: Edufpi, 2013.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ELIAS, Norbert. 2006 [1972]. **Processos de formação de Estados e construção de nações**. In: Escritos & ensaios, 1: Estado, processo, opinião pública. Organização e apresentação: Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.,



pp. 153-165. Disponível em:
<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300674115_ARQUIVO_anpuhjiana.pdf>. Acesso em 10/12/2018.

EVANS, Kate. **Refugiados: a última fronteira**. São Paulo: Darkside Books. 2018.

GOMES, Iuri Barbosa. **Jornalismo em quadrinhos: mediações e linguagens imbricadas nas reportagens Palestina – Uma Nação Ocupada e em O Fotógrafo**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá.

GOMES, Ivan Lima. **Uma breve introdução à história das histórias em quadrinhos no Brasil**. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Rio de Janeiro. VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008.

Governo do Brasil. **Mais de 112 mil imigrantes possuem trabalho formal no Brasil**. 12 de fev. de 2018. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/emprego-e-previdencia/2017/12/mais-de-112-mil-imigrantes-possuem-trabalho-formal-no-brasil>>. Acesso em 29/09/2018.

GUIBERT, Emmanuel; LEMERCIER, Frédéric; LEFÈVRE, Didier. **O fotógrafo: uma história no Afeganistão**, vol. 3. São Paulo: Conrad, 2010.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

KITANI, Adriano; LOURENÇO, Enio. O Haiti é aqui. **Agência Pública**, 2016. Disponível em: <<https://apublica.org/2016/06/hq-o-haiti-e-aqui/>>. Acesso em 25/11/2018.

MESSIAS, Carolina Ito. **Estilhaço: uma jornada pelo Vale do Jequitinhonha**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharel em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/145424>>. Acesso em 30/09/2018.



MOLINÉ, Alfons. **O grande livro dos mangás**. 2. ed. São Paulo: JBC, 2006.

PEDREIRA, Vinícius. **Narrativas jornalísticas em quadrinhos: Representações de identidade palestina em Joe Sacco**. Dissertação de Mestrado (Comunicação) – Universidade de Brasília. 2017.

Nações Unidas. **Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados**. 1951. Disponível em:

<https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf>. Acesso em 02/12/2018.

QUATRO estados se preparam para receber imigrantes. **O Estado de S. Paulo**. 9 de fev. de 2018. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,quatro-estados-se-preparam-para-receber-imigrantes-venezuelanos,70002184972>>. Acesso em 29/09/2018.

RODRIGUES, Talles Fabricio Silva. **Pânico no José Walter: o maníaco que seviciava mulheres**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal do Ceará.

SACCO, Joe. **Palestina: na faixa de Gaza**. São Paulo: Conrad, 2003.

SACCO, Joe. **Palestina, uma nação ocupada**. São Paulo: Conrad, 2000.

SACCO, Joe. **Reportagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SANTO, Janaína de Paula do Espírito. **Pensando samurais e cultura pop: um estudo de história e mangás**. In: Simpósio Nacional de História, 26., 2011, São Paulo.

SATRAPI, Marjane. **Persepolis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho (Sedhast). **Decretos instituem Comitê Estadual para Refugiados e Centro de Atendimento em Direitos Humanos**. 13 de set. de 2016. Disponível em:



<<http://www.sedhast.ms.gov.br/decretos-instituem-o-comite-estadual-para-refugiados-e-o-centro-de-atendimento-em-direitos-humanos/>>. Acesso em 29/09/2018.

SEYFERTH, Giralda. **Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incômoda no campo político**. In: Tutela: formação de Estado e tradições de gestão no Brasil. Organização: Antonio Carlos de Souza Lima. - 1. ed. - Rio de Janeiro: E-papers, 2014.

SODRÉ, Muniz; Ferrari, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SPIEGELMAN, Arthur. **Maus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

UM novo formato, jornalismo em quadrinhos no Catraca Livre. **Catraca Livre**. 22 de set. de 2015. Disponível em <<https://catracalivre.com.br/criatividade/um-novo-formato-para-o-jornalismo-e-para-os-quadrinhos/>>. Acesso em 25/11/2018.

VITOR, Frederico. Bolsonaro vê imigrantes como “ameaça” e chama refugiados de “escória do mundo”. **Jornal Opção**. 18 de set. de 2015. Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/bolsonaro-ve-imigrantes-como-ameaca-e-chama-refugiados-de-a-escoria-do-mundo-46043/>>. Acesso em 26/11/2018.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDINO, Germán. La violencia en Honduras contada en cómic – El hábito de la mordaza. **El País**, 2016. Disponível em: <<https://elpais.com/especiales/2016/el-habito-de-la-mordaza/>>. Acesso em 02/02/2018.

CHACRA, Gustavo. Vamos falar a verdade? Cristãos sírios têm medo de serem massacrados se Assad cair. **O Estado de S. Paulo**. 28 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/blogs/gustavo-chacra/vamos-falar-a-verdade->



[cristaos-sirios-tem-medo-de-serem-massacrados-se-assad-cair/](#)>. Acesso em 10/12/2018.

EM sete anos, guerra da Síria já tem mais de 511 mil mortos. **O Globo**. 12 de mar. de 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/em-sete-anos-guerra-da-siria-ja-tem-mais-de-511-mil-mortos-22479399>>. Acesso em 10/12/2018.

ENTENDA a 'miniguerra mundial' em curso na Síria. **BBC**, 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37103055>>. Acesso em 02/12/2018.

MARCO, Daniel Garcia. Eleições na Venezuela: o que são os 'pontos vermelhos' e por que Henri Falcón acusa Maduro de compra de votos. **BBC**, 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44203457>>. Acesso em 20/11/2018.

MIRAGLIA, Paula; ALMEIDA, Rodolfo; ZANLORENSSI, Gabriel. O fluxo de imigração ao Brasil desde a chegada dos portugueses. **Nexo**, 2018. Disponível em: <[https://www.nexojornal.com.br/grafico/2018/06/11/O-fluxo-de-imigração-ao-Brasil-desde-a-chegada-dos-portugueses](https://www.nexojornal.com.br/grafico/2018/06/11/O-fluxo-de-imigra%C3%A7%C3%A3o-ao-Brasil-desde-a-chegada-dos-portugueses)>. Acesso em 25/12/2018.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **Haitian elites and their perceptions of poverty and inequality**. In: Elite perceptions of poverty and inequality. REIS & MOORE (organizadores). Londres/Nova York: Zed Books. 2005.



APÊNDICES

Seguem anexados todos os esboços das páginas que fizeram parte do projeto.











